

# A MENINA QUE SONHAVA IR PARA A ESCOLA

*DE CATADORA DE LIXO A PROFESSORA,  
VENCEU PELA FÉ, TRABALHO E  
PERSEVERANÇA.*

João José da Costa

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM  
MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

*Sinopse:*

*O livro conta a história de uma menina favelada que catava papel, papelão, plásticos, latas de alumínio e outros materiais que encontrava para vender e ajudar sua mãe nas despesas da casa. Em suas andanças, ele admirava as crianças que podiam ir para a escola e ter suas festas em casa. Sua vida muda completamente quando na noite de Natal encontrou na lata de lixo um livro sagrado mágico. Os sentimentos transmitidos pelas figuras do livro o intrigam e despertam a sua curiosidade pelo aprendizado da leitura. Graças a este livro portas se abrem para um futuro melhor.*

Direitos autorais reservados. FBN-MEC Registro  
797.555 – Livro 1549 – Folha 475

## **DEDICATÓRIA**

**Dedico este trabalho a todos que reservam parte de suas vidas para educar de alguma forma as crianças, como uma missão e uma crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.**

**Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.**

**Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.**

**João José da Costa**

Era madrugada ainda, quando Francisca já estava acordada preparando alguma coisa para ela e sua filha comerem antes de iniciarem um novo dia de árduo trabalho.

Lá fora do barraco, os sabiás cantavam alto e forte anunciando um novo dia e sua presença no território.

Lindalva dormia, ainda. Ela costumava sonhar quase sempre com castelos e princesas. Em seu sonho, ela se via uma das princesas vestindo belos vestidos e tendo ricas refeições.

Enquanto Lindalva dormia, Francisca a observava carinhosamente, enquanto recapitulava como tudo começou em sua vida:

*Francisca e seu irmão Raimundo vieram do Nordeste para São Paulo em busca de*

*melhores dias. Lá eles moravam em uma região onde quase não chovia.*

*A seca prejudicava a plantação dos alimentos e a criação de animais que eles precisavam para sobreviver. A água mal dava para beber. Na maioria dos dias, eles passavam fome.*

*Assim, desanimaram de morar lá. Em São Paulo, eles tinham a esperança de um futuro melhor.*

*Francisca e Raimundo conseguiram um pequeno espaço em uma das dezenas de favelas da cidade. Lá, com muito sacrifício, construíram o seu barraco com sobras de construções.*

*Raimundo não se acostumou viver na cidade grande e logo voltou para o Nordeste. Ele não gostava de ver as ruas cheias de carros, respirar o ar poluído, ver*

*somente prédios por todos os lados. Apesar dos sofrimentos causados pela seca, ele achava que lá era melhor.*

*Francisca resolveu ficar e perseguir o sonho de uma vida melhor.*

*Certo dia Francisca conheceu, namorou e se casou com um motorista de caminhão que passou pela favela. Mas, alguns meses depois do casamento, o caminhão deste motorista seguiu pelas estradas da vida, não encontrando nunca mais o caminho de volta à favela e à casa de Francisca.*

*Francisca esperou durante muitos meses, enquanto crescia em sua barriga a lembrança deste rápido amor – a menina Lindalva.*

*Sozinha, Francisca se preparava para o nascimento de Lindalva. À noite, procurava imaginar como seria sua vida dali para*

*frente, acompanhada apenas por um candeeiro a querosene, que iluminava o barraco por algumas horas.*

*À medida que sua barriga crescia, foi ficando cada vez mais difícil encontrar serviço de mulher de limpeza. Ela passou a viver com algumas pobres doações feitas pelos seus pobres e generosos vizinhos da favela.*

*Assim, Francisca deu à luz a Lindalva, com ajuda da parteira da favela. Dona Cida era uma mulher muito experiente e que já ajudara no nascimento de dezenas de crianças na favela.*

*Nascida Lindalva Menino de Jesus, desde cedo sua mãe a chamava de Fiota. Este apelido ficou para sempre.*

*Na favela havia muitos outros barracos, mas nenhum tão bem cuidado e limpo*

*como o de Lindalva. Isto, graças ao extremo cuidado de sua mãe Francisca.*

*O barraco tinha apenas um quarto onde Francisca colocou uma cama, uma pequena mesa quebrada e dois caixotes que serviam de cadeiras. No chão de terra, ela acendia lenha e improvisava um fogão com tijolos onde apoiava as latas que usava para cozinhar.*

*Do lado de fora, Francisca construiu um pequeno banheiro cercado por tábuas e dentro tinha um buraco no chão. Não havia água encanada, esgoto e nem luz na casa de Lindalva.*

*Francisca lavava suas latas, pratos e roupas em uma tábua instalada do lado de fora.*

*Pegava água em uma torneira da escola próxima de seu barraco, que carregava em uma lata na cabeça.*



*E o tempo passou para Francisca e Lindalva. Com as dificuldades aumentando e sem arrumar um trabalho, Francisca teve que se dedicar à coleta de lixo no grande lixão próximo da favela.*

*E para estar mais próximo de seu novo trabalho, Francisca teve que abandonar o barraco na favela e improvisar um novo barraco mais próximo do lixão.*

*Assim, ela conseguiria aproveitar mais rapidamente e melhor as descargas dos caminhões de lixo e encontrar material reciclável com maior facilidade.*

Mas, Francisca interrompeu suas lembranças. Era hora de chamar Lindalva.

- Fiota, acorda! Acorda, Fiota! Já são cinco horas da manhã. Os caminhões de lixo já estão chegando!

.

Ainda preguiçosa e cansada do dia anterior, Lindalva ficava mais alguns minutos na cama. Mas, logo se levantava. Ela sabia bem as dificuldades de sua mãe e quanto ela podia ajudar.

Sonolenta, Lindalva tomava um pouco de café com um pedaço de pão do dia anterior.

Lindalva já completava oito anos de idade e começava a trabalhar para ajudar nas despesas da casa.

Era ela e sua mãe na luta pela vida.

No lixão, Lindalva catava papel, papelão, plásticos, latas de alumínio e outros materiais que encontrava para vender. Assim, conseguia uma importante ajuda para sua mãe.

.

Isto podia ser sentido nas melhorias que Francisca fez no barraco. Comprou um pequeno fogão a gás de duas bocas e até um vaso sanitário para substituir o buraco feito no chão do banheiro que ficava do lado de fora. Depois, comprou um pequeno rádio de pilha, que era a alegria todas as noites. Francisca e Lindalva adoravam ouvir as músicas sertanejas antes de dormir.

Francisca sonhava, agora, em poder ter um tanque e água no barraco. Se dependesse do esforço diário de Lindalva, isto seria um dia possível.

Francisca e Lindalva saiam bem cedo de manhã procurando pelo valioso material espalhado no lixão. E, a cada descarga do caminhão de lixo, era uma permanente esperança de encontrar uma boa quantidade de papel, papelão, plástico e, principalmente, latinhas de alumínio que

tinham bom preço. Mas, a concorrência com outros catadores era muito grande...

Uma coisa que Francisca fazia bem era cozinhar e sempre tinha um prato de arroz, feijão, farinha esperando por Lindalva. Às vezes, dependendo do dinheiro que conseguiam, até um ovo frito ou um pedaço de frango ou carne. Quando isto acontecia, era a maior felicidade de Lindalva que arregalava os olhos e comia até ficar barriguda.

Após o almoço, Francisco e Lindalva saíam novamente e se dirigiam ao lixão...

... armazenando o fruto de seu trabalho em grandes sacos para poder vender ao depósito de material reciclado onde tudo era pesado e pago.

.

Todo o dinheiro que elas ganhavam era usado para comprar, principalmente, comida.

Lindalva adorava sua casa. À noite, podia ver as estrelas e a lua através dos buracos no telhado de zinco e papelão. Sua mãe falava que tinha que consertar o telhado. Isto seria feito quando encontrasse folhas de zinco mais novas entre os materiais abandonados das construções.

Mas, Lindalva torcia para que ela não encontrasse as folhas de zinco. Ele preferia dormir contando as estrelas e admirando o brilho da lua.

O único problema era quando chovia. A chuva molhava por dentro da casa, fazia lama no chão do quarto e molhava o colchão onde Lindalva dormia.

.

Quando isto acontecia, ela procurava o canto mais seco do colchão e adormecia. No dia seguinte, o sol secava a palha de milho do colchão de Lindalva e tudo voltava ao normal.

Afinal de contas, isto não acontecia todos os dias. Lindalva achava engraçado o barro seco que ficava preso entre os dedos dos seus pés descalço.

Lindalva era uma menina feliz e alegre. Adorava sua mãe e uma era companheira da outra.

Lindalva gostava de sentar em um banquinho feito com tijolos soltos perto do pequeno fogão, enquanto sua mãe preparava o jantar.

Conversavam, faziam planos. Ele contava o que tinha achado de bom durante o dia, as broncas que recebia dos outros catadores

que não gostavam de ver Lindalva muito próxima deles no lixão.

Lindalva tinha alguns animais amigos no lixão que já a conheciam bem – o urubu Tião e o porco Cotinho.

Todas as vezes que Lindalva achava algum pedaço de carne ou qualquer outra coisa para comer, ela chamava Tião e Cotinho que iam ao seu encontro...

O urubu Tião, sempre que via Lindalva, voava ao seu encontro na esperança de ganhar alguma comida.

O mesmo acontecia com Cotinho, que corria em sua direção quando via Lindalva no lixão.

Lindalva encontrava às vezes no lixão brinquedos. Ela recolhia os que ela achava mais lindos e os levava para o barraco.

Lá, eles recebiam banho, eram limpos e ficavam ao lado da caminha de Lindalva.

Antes de dormir e nos dias em que não ia ao lixão, Lindalva se divertia brincando com sua coleção de brinquedos.

As pessoas que passavam de carro próximo ao lixão, ao ver a pequena Lindalva toda suja, garimpando o seu precioso lixo, tinham muita dó dela e culpavam o Governo de não dar condições dignas a todos os habitantes, obrigando crianças a viver em tal nível de miséria... mas, seguiam em frente com suas vidas.

Entretanto, Lindalva não tinha a mesma percepção destas pessoas. Ela gostava de tudo que tinha ao redor do lixão.

Ela gostava de sua casa, dos seus amigos Tião e Cotinho, no lixão tinha algumas outras crianças que, nos intervalos do



descarregamento dos caminhões de lixo, brincavam de pega-pega, conversavam, riam...

Ela achava divertida a correria de todos os catadores quando chegava algum caminhão de lixo... eles gritavam, davam risadas altas, eram todos amigos. Todos tinham a esperança de encontrar alguma coisa de muito valor!

Este é um milagre de Deus. Parece que Ele ordenou aos Anjos da Guarda para zelarem e garantirem a inocência a todas as crianças, de forma que pudessem ser felizes e alegres em qualquer ambiente em que vivessem...

À noite e por várias noites, antes de dormirem, Francisca conversava um pouco com Lindalva, enquanto ouviam alguma música no rádio de pilha.

.

E Lindalva era muito curiosa e uma noite perguntou à sua mãe:

- Mãe, por que a gente veio morar perto do lixão? Não tem muitas casas por aqui...

E Francisca tentava explicar:

- Ah, filha! É uma longa história...

- Primeiro, é nosso meio de vida, a maneira pela qual a gente consegue ganhar algum dinheiro para comer...

- Mas, a mamãe não tem vergonha do que faz! Nem você, minha filha, deve se envergonhar do que faz para ajudar a mamãe...

- Aqui em nossa casa temos uma rede, sacolas com roupas, uma Bíblia, velas, uma garrafa com água e um fogão à lenha. Para construir nossa casa eu tive que procurar

pedaços de madeira, folhas de zinco, papelão, lona e pedaços de palha...

- Eu poderia estar fazendo qualquer coisa errada, roubando, vendendo drogas, mas não estou. Esse foi o jeito que encontrei de sobreviver e não passar fome.

- Esta foi a forma que encontrei para me sustentar e sustentar minha filhota! Todos os dias eu vinha trabalhar aqui no lixão e voltava para a favela, era uma hora de bicicleta para ir e uma hora para voltar. Era muito cansativo ter que ir e voltar, então decidi fazer o barraco e ficar por aqui...

- Antes era muito complicado. Eu tinha que juntar todo o material reciclável que encontrava e levar para a cidade para tentar vender o material. Agora, quando conseguimos encher os sacos com garrafas, latinhas e fios, todos separados, ligo para o

depósito e eles vêm pesar e me repassa o dinheiro...

- O lixo de maior valor são os fios... mas, é difícil encontrar... é muito disputado pelos catadores... o mais comum de encontrar aqui são as sacolas, pets, e latinhas de cerveja. Fio mesmo é como ouro.

- Muitas pessoas não entendem o motivo e acabam olhando diferente para nós. Mesmo assim eu não tenho vergonha da minha vida e do meu trabalho. Gosto de morar e trabalhar aqui, pelo menos tenho como me manter e manter você, minha filha!

- O barulho dos bichos é o que assusta mais, não sei se é cachorro ou algum pássaro. Sempre acendo minha vela e leio a bíblia até pegar no sono.

- Houve uma vez que encontrei R\$ 50,00 quando separava o lixo. Fiquei muito

contente. Corri na cidade e comprei óleo, cinco quilos de arroz e carne. Deu pouca coisa, porque coube até em uma sacola só, mas ajudou muito. Sempre encontro algumas coisas aqui no lixão que dá para a gente usar, as pessoas jogam até comida. Eu acho saco de feijão, arroz e até carne. Além disso, tem muitos brincos, relógios e pulseiras e estou guardando tudo para você, minha filha.

- Até o celular que eu uso encontrei aqui! Não tenho medo de ficar doente tendo contato direto com o lixo. Nunca teve nada sério, somente uma gripe.

- Eu não uso luva, porque não tenho. Só coloco mesmo quando encontro aqui pelo lixo, mas ela logo se acaba. Às vezes acontece de eu me machucar, as pessoas jogam copos de vidro quebrados e pratos e quando a gente vai abrir a sacola, acaba se cortando. Mas, é a única coisa...

- Eu me sinto sozinha à noite, que é quando os outros catadores voltam para suas casas e ficamos somente nós duas no barraco.

- Para fazer comida, eu improvisei um fogão à lenha. Com uma grelha em cima de tijolos, eu preparo o feijão e o arroz. O cardápio geralmente é só esse. É difícil ter carne. A água para fazer a comida eu pego na casa de um amigo, que mora a poucos metros do lixão e também trabalha no local há mais de cinco anos...

- Vou lá com alguns litros de garrafa pet e encho com água. É assim que eu lavo a louça e faço comida.

Lindalva que ouvia atenta a história de sua querida mamãe interrompeu para perguntar:

- E qual é o seu maior sonho, mamãe?

.

- Ah, minha filha! Meu maior sonho é ter uma casa, é conseguir uma casa, não importa onde seja, eu quero um lar que eu possa dizer que é meu para morar com minha filha até quando Deus me levar.

- Tenho medo de morrer antes de conseguir isso, e deixar minha filha desamparada.

- Um dia, eu gostaria de voltar para o Nordeste. Tenho meus pais e meus irmãos lá... nunca mais tive notícias deles... não sei se meus pais estão vivos ou não... eu gostaria de mostrar minha filha para eles...

Emocionada, Francisca olhou para sua filha que estava com lágrimas nos olhos e finalizou:

- Agora, querida, é hora de dormir... temos que levantar cedo amanhã!

.

Lindalva estava agora com 11 anos de idade. Já era uma mocinha. E ela entendia muito bem a luta de sua mamãe pela sobrevivência na vida. Lindalva achava sua mamãe uma guerreira e, como ela, estava se tornando uma guerreira também.

Com as sobras do dinheiro ganho com a venda do material reciclável recolhido no lixão, Francisca pode dar um passo à frente. Ela comprou de outro catador de lixo, que decidira se mudar para a Bahia, o seu carrinho de puxar. Assim, elas poderiam recolher material reciclável de porta em porta nas casas, principalmente quando o lixo do lixão não era de boa qualidade...

O carrinho de puxar de Francisca tinha a vantagem de ser leve e resistente, cabendo muito material.

E, assim, Francisca e Lindalva passaram a dar preferência ao lixo das casas de bairros



mais ricos da cidade. E, de vez em quando, voltavam ao lixão. Lindalva mudou-se novamente para o barraco da favela.

Em suas visitas no lixão, Lindalva costumava recolher os livros que achava. Ela dizia:

- Um dia eu irei para a escola. Vou aprender a ler e terei muitos livros para ler! Um dia, serei uma professora!

E Francisca e Lindalva quase todos os dias, de manhã e à tarde, circulavam pelas ruas dos bairros ricos da cidade à procura de seu precioso material reciclável. Lindalva ia um pouco mais à frente, vasculhando o lixo das casas e fazendo uma primeira separação e sua mãe ia logo atrás puxando o carrinho e recolhendo o material separado por Lindalva, além de completar a garimpagem nos lixos.

.

E assim era a rotina diária de Lindalva. Na busca pelo lixo nas casas ela podia ver outras crianças da favela e do bairro com seus cadernos e livros a caminho da escola. Lindalva ainda não estava na escola.

Na cidade Lindalva via as mães levando seus filhos para a escola.

Ela sentia muita vontade de estar indo para a escola, também.

E Lindalva não perdia a esperança:

- Um dia, eu também irei à escola! E serei uma professora!

Mas, isto era algo que ele não podia sonhar por enquanto. Afinal de contas, sua mãe dependia muito do dinheiro que ela, bravamente, conseguia ganhar todos os dias com a coleta do lixo.

.

Mas, ela ficava imaginando o que era uma escola e o que as crianças aprendiam lá. Nestes momentos, Lindalva ficava um pouco triste. Mas, tão logo encontrava as valiosas latinhas, voltava o seu entusiasmo e garra pela vida.

Em um dia sua felicidade foi extrema. Encontrou mais de cem latinhas de cerveja em uma casa que, nas vésperas, havia dado uma festa. O carrinho veio lotado. Ele nem enxergava direito à sua frente para encontrar o caminho de volta ao seu barraco.

No barraco da favela, as coisas melhoraram um pouco para Francisca. Ela colocou um pequeno tambor de aço em cima da pia, encontrado por Lindalva, no qual Francisca mandou instalar uma torneira. Assim, enchia o tambor de água e tinha água na torneira!

.

Mais para frente, um balde foi pendurado no alto do banheiro de fora e Francisca instalou um chuveiro. Os banhos ficaram bem melhores. Francisca enchia o balde com água e a água saía pelo pequeno chuveiro. Nos dias mais frios, Francisca esquentava a água e ele e Lindalva podiam, pela primeira vez, experimentar o prazer de um banho quente. Estavam muito felizes com estas inovações.

O Natal era uma data muito esperada por Lindalva. Os dias que antecediam o Natal e, principalmente, às vésperas do Natal, as latas de lixo estavam repletas de riqueza.

Tinha muito papelão e plástico de embalagens de brinquedos que as crianças ganhavam do Papai Noel, muitas latinhas de cerveja e refrigerantes.

Lindalva aproveitava para pegar o máximo que podia e fazia várias viagens ao

depósito de material velho. Nestes dias conseguia ganhar um bom dinheiro.

E era com este dinheiro que Francisca preparava uma ceia especial para a noite de Natal e fazia o prato que Lindalva mais gostava – frango assado com polenta. E ela comprava até refrigerante!

Lindalva admirava muito as crianças que ganhavam tantos presentes do Papai Noel.

Elas, com certeza, deveriam ser crianças muito boas e especiais para ter tanto mérito e reconhecimento do Papai Noel. E ela ficava pensando e refletindo como poderia ser melhor para um dia, também, receber um presente do Papai Noel.

Assim, procurava se consolar:

.

“Ah, eu ando tanto atrás de catar lixo que, talvez, Papai Noel me procura e não me encontra!”.

E numa destas noites de Natal, Lindalva resolveu sair com o carrinho, enquanto sua mãe preparava o jantar. Ela tinha a esperança de se antecipar e conseguir catar papéis dos brinquedos que as crianças ganhavam.

Andando pela rua podia ver as casas em festas, crianças recebendo a visita do Papai Noel e muitos brinquedos.

Às vezes, parava no portão e procurava se alegrar com a alegria daquelas crianças.

Descobriu que havia vários ‘Papais Noel’. Eles desciam de automóveis, vinham dos fundos da casa, outros já estavam dentro das casas. Mas, não viu nenhum chegar de

trenó puxado pelas renas ou entrar nas casas pela chaminé.

E foi nesta noite de Natal que algo mágico aconteceu na vida e na rotina de Lindalva. Em uma das latas de lixo, ele encontrou um lindo livro com ilustrações coloridas e muitas letras, levando-o para casa.

- Este eu não vou vender! Mas, o que são estas ilustrações e o que querem dizer todas estas letras? Perguntava-se curiosa.

À noite, ele sentou no banquinho de tijolos, ao lado de sua mãe que preparava a comida. Lindalva trouxe para perto de si o candeeiro e começou a folhear o tesouro encontrado.

Ele via na capa um homem que tinha uma fisionomia tranquila e parecia ser muito bom. Ele tinha círculos que brilhavam ao

redor de sua cabeça. Este homem olhava com muito carinho para o céu.

Nas páginas de dentro, Lindalva procurava encontrar o significado das ilustrações e palavras. Percebeu logo que o livro contava alguma história.

Via um homem e uma mulher. Ela estava vestida de maneira estranha com um véu que cobria sua cabeça e ele trabalhava com ferramentas em madeiras fazendo objetos.

Uma das páginas mostrava este casal viajando no deserto à noite sob o brilho das estrelas, ela no lombo de um burrinho, ele a pé.

Chamou sua atenção um bebê dormindo em uma pequena cama de palha, tendo ao lado o casal, cercados de vacas e burros. Uma grande estrela brilhava no céu naquela noite.



Devia ser uma criança muito importante porque uma das ilustrações mostrava três reis com presentes nas mãos.

- Mãe, a senhora sabe ler?
- Não minha filha. Mas, um dia vamos aprender!
- Veja esta história, mãe. Parece que fala do nascimento de uma criança muito pobre, mas muito importante. Veja onde ela nasceu, num curral de vacas! E olhe esta ilustração, não parecem reis trazendo presentes?
- Lindalva, você está com sua imaginação muito alta! Continue vendo o seu livro e me deixe terminar o jantar!  
Lindalva, nas noites que se seguiram, continuava folheando o livro tentando decifrar as misteriosas imagens do livro.

O livro passou a ser um verdadeiro tesouro para ela. Colou as capas, limpou sua sujeira e o guardava embaixo do travesseiro feito com saco de estopa e penas de galinha.

Lindalva tinha poucos amigos, mas vivia no meio de muitas crianças. Algumas chegavam a convidá-la para sair pela cidade onde poderiam pegar muitas coisas pelas lojas e feiras sem pagar nada. Outras o convidavam para ficar nos semáforos pedindo esmolas.

Mas, Lindalva se recusava. Ela achava que pegar coisas sem pagar não estava certo. Pedir esmola também não achava certo para quem pudesse trabalhar ou fazer alguma coisa para ganhar dinheiro. Achava isto indigno e humilhante.

Estes ensinamentos ela aprendeu com Francisca. Mulher pobre, mas muito honesta e digna. Ela costumava dizer para

Lindalva para nunca aceitar um dinheiro que não fosse por mérito do suor de seu rosto, com o trabalho. Aceitar uma esmola é vender sua dignidade e se humilhar, falava frequentemente.

Assim, Lindalva preferia catar seus papéis, papelão, plástico e latinhas de alumínio.

Feliz em sua rotina, Lindalva continuava folheando o seu livro mágico.

Aquela criança que nascera no curral das vacas crescia. Falava para pessoas que paravam às dezenas para escutá-la. Colocava suas mãos nos olhos de pessoas que não enxergavam e elas passavam a enxergar. Tocava suas mãos nas pernas de paráliticos e eles passavam a andar.

Era como um mágico, um grande mágico. Lindalva tinha muita vontade de saber ler

para poder compreender bem esta história que a fascinava a cada dia.

Às vezes, Lindalva parava para brincar com outras crianças... brincava de casinha, de pega-pega, de passa-anel, de esconde-esconde. Mas, por pouco tempo...

Ao longe, o carrinho de puxar a lembrava para o compromisso e para o trabalho.

Não poderia deixar de levar o dinheiro para casa. Assim, voltava-se à sua lida diária.

Lindalva tinha muito pouco tempo para brincar.

À noite, antes de dormir, ela voltava-se para leitura do livro.

De repente, a história do livro saltou no tempo. A criança tinha crescido, andava sempre acompanhado de doze amigos

visitava as casas, falando com as pessoas, curando os enfermos.

Numa das ilustrações Lindalva viu o homem mágico comendo com todos os seus amigos.

Ele estava no centro e seus amigos um grupo de cada lado. Um deles tinha nas mãos um saquinho de dinheiro. Após esta ceia, Lindalva viu que os soldados não estavam muito contentes com ele. Sem entender a razão, Lindalva viu os soldados prenderem o homem bom e o levarem para a cadeia.

- Mãe, por que prenderam o homem mágico que ajudava tanto as pessoas?

- Não sei Lindalva! Do que você está falando?

.

- Veja, prenderam o homem que curava os cegos, fazia os parálíticos andarem. Por que eles fizeram isto?

- Não sei, filha, não sei. Talvez alguém pudesse estar com ciúmes dele ou medo dele ter tantos amigos!

Lindalva ia dormir intrigada com a história. Quem seria aquele homem? Precisaria conversar com alguém. Mas, quem daria atenção a ela?

Em uma noite, Francisca viu Lindalva chorar baixinho à medida que folheava o livro.

- Filha, isto é apenas uma história. Por que você está chorando?

- Veja, mãe, o que os soldados estão fazendo com ele. Colocaram espinhos em sua cabeça e o estão obrigando a carregar

uma grande cruz nas costas. Seu sangue corre pela testa e pelas costas. Por que estes homens ruins estão fazendo isto?

- Lindalva, estes homens acham que ele fez alguma coisa errada. Eles são soldados, é como a polícia.

Lindalva ficou imaginando o que o homem mágico poderia ter feito de errado.

Voltava às páginas do livro para ver se tinha deixado de entender alguma coisa. Mas, não. Nada que pudesse fazer com que aquele homem merecesse isto.

Lindalva gostou tanto do livro que nunca mais vendeu os livros que achava no lixo.

Pensava: "Livros são tesouros. Quem tem livros é uma pessoa rica".

.

Assim, foi conseguindo juntar dezenas e dezenas de livros de todas as cores e de todos os tamanhos, finos e grossos.

E foi guardando todos no interior do barraco, fazendo pilhas e pilhas de livros, colocando debaixo da cama e em todos os cantos que pudesse encontrar.

Com o passar do tempo, o barraco não podia receber mais livros e Lindalva continuava achando-os nas latas de lixo e os trazendo para casa. Francisca começou a tropeçar em tantos livros até que um dia resolveu falar com Lindalva:

- Lindalva, temos que dar um jeito nestes livros. Não podemos ficar com eles dentro do barraco!

- Mas, mãe, eles são o meu tesouro! Um dia vou aprender a ler e quero ler todos eles!



- Eu não estou falando para jogá-los fora, Lindalva. Vamos ter que fazer um abrigo para eles fora do barraco.
- Boa ideia, mãe. Assim, eu posso fazer umas prateleiras para guardá-los.
- E o que você pretende fazer com tantos livros?
- Eu vou ler todos eles quando eu aprender a ler um dia!

Após algumas voltas pelas redondezas e Francisca estava de volta com todas as tábuas que precisava para fazer um abrigo para os livros de Lindalva.

O abrigo ficou pronto em dois dias. Faltavam as prateleiras. Lindalva teve a ideia de colocar tijolos um em cima dos outros e, de intervalo em intervalo, colocar uma tábua.

Assim, fez as prateleiras para colocar seus livros. Já eram mais de oitenta livros e tinha espaço para mais.

À noite, Lindalva continuava vendo seu livro mágico, curioso em saber como terminaria a história do homem bom.

Assim, pode ver o homem ser pregado na cruz pelas mãos e pés. A cruz foi levantada e o homem sofria muito.

A mãe deste homem bom chorava aos prantos ao seu lado, sendo afastada pelos soldados quando tentava se aproximar dele. O homem bom ficou assim por horas e horas até que baixou a cabeça e morreu. Seus amigos o levaram para uma sepultura. Mas, Lindalva ficou contente porque viu em uma das ilustrações o homem bom sair da sepultura e subir aos céus. Ele continuava vivo! Era um grande mágico e tinha grandes poderes.

Lindalva estava muito curiosa em saber mais a respeito deste livro e quem eram os personagens...

Uma tarde, enquanto se adiantava na rua à procura dos sacos de lixo para separar material reciclável, Lindalva parou em frente de uma casa onde brincava um menino no jardim.

Era Luca com sua coleção de brinquedos de impressionar. Luca recebia muitos brinquedos de seus pais, avós e tios em seu aniversário, no Dia das Crianças, na Páscoa e no Natal.

Mas, nem sempre, Luca era um menino alegre e feliz.

E isto acontecia quando ele espalhava as dezenas de brinquedos que ganhava no jardim da frente da sua casa para brincar sozinho, sem nenhum amigo.

Ora ele alinhava os carrinhos em fila, como um congestionamento nas ruas. Ora, montava o seu trenzinho, com uma locomotiva e oito vagões. Ora ele provocava uma guerra entre os bonecos super-heróis que tinha e seus terríveis inimigos.

E foi em uma destas tardes de brincadeiras que algo mágico aconteceu na vida de Luca.

Luca estava distraído com os seus brinquedos quando notou uma menina olhando para ele, se apoiando na grade com as duas mãos e enfiando a cabeça no meio da grade.

Era uma menina pobre que acabara de pegar, no lixo da casa, papelão e latinhas de alumínio, colocando-as em seu carrinho de mão.

.

A menina parou um pouco com seu trabalho para admirar as brincadeiras de Luca, enquanto o seu carrinho de mão aguardava na calçada.

Luca olhou para os dois olhos escuros e brilhantes da menina e continuou com suas brincadeiras.

E Luca lembrava-se da presença da menina, quando a ouvia rir das suas brincadeiras, principalmente, nas lutas entre os super-heróis e seus inimigos.

E quanto mais a menina ria, mais Luca se empolgava e dava força aos seus personagens super-heróis, que venciam facilmente seus terríveis inimigos.

Luca estava gostando de ouvir as risadas da desconhecida menina.

.

Luca somente parou por uns instantes, quando ouviu Amélia gritar lá de dentro da casa:

- Luca! Seu lanche e seu suco já estão prontos. Entre e venha comer, senão sua mãe vai ficar brava comigo!

Luca obedeceu, ele já estava com fome.

Quando voltou, notou que a menina já tinha ido embora.

Afinal de contas, a menina pobre tinha que encher o carrinho de mão com mais papelão e latinhas de alumínio, que o esperavam nas dezenas de latas de lixo do bairro.

Luca se desinteressou em continuar brincando neste dia.

.

Nos dias que se seguiram de brincadeiras no jardim da frente da casa, Luca olhava de vez em quando para a grade de ferro.

Ele procurava pelos olhos escuros e brilhantes da menina. Parecia que as risadas de satisfação da menina o motivavam para as suas brincadeiras.

E Luca pensou:

- É a primeira vez que eu vejo uma menina rir de minhas brincadeiras! Meus outros amigos, quando estão comigo, brincam e se divertem cada um com suas brincadeiras. Ou discutem comigo quando querem trocar ou emprestar um brinquedo e eu não quero. A menina ficou alegre com minha alegria!

Em uma tarde, Luca foi surpreendido, novamente, pela menina. Desta vez, ela estava compenetrada em separar da lata

de lixo da casa de Luca as latinhas de alumínio e papelão. O Natal estava se aproximando.

Mas, quando a menina ia seguindo o seu caminho, Luca o chamou:

- Ei, menina! Qual o seu nome?
- Lindalva!
- O meu é Luca! Por que você pega estas coisas do lixo?
- Ah, eu pego latinhas de alumínio e papelão para vender e ajudar minha mãe!
- Mas, você não vai à escola? Não brinca? Não tem brinquedos?
- Não. Mas, um dia eu quero estudar sim! Quero ser uma professora! Eu tenho pouco tempo para brincar com minhas



amigas na favela. O resto do meu tempo eu saio catando latinhas de alumínio e papelão. E eu aproveito e reformo os brinquedos que acho no lixo.

- Nossa! Você reforma os seus próprios brinquedos!

- Sim! Respondeu Lindalva, se retirando às pressas da frente da casa de Luca.

Luca nunca tinha conhecido uma menina assim. Mas, gostou dela. Não sabia explicar, mas gostou dela. Lindalva lhe parecia uma boa menina.

Mas, algumas pessoas poderiam achar que Lindalva não era uma boa menina para brincar com Luca em razão de suas roupas sujas, rasgadas, pés descalços e pelo fato de morar na favela!

.

Estas pessoas estariam agindo com preconceito!

*(Preconceito? Não sabe o que esta palavra quer dizer? Senta que lá vem aula! Preconceito é formar uma opinião ou dar um conceito sobre uma pessoa ou assunto antes de ter os conhecimentos adequados. É uma opinião ou sentimento desfavorável sobre uma pessoa ou assunto, concebido antecipadamente ou independente de experiência ou razão. Atitudes discriminatórias contra pessoas de outra classe social. Manifestação hostil ou desprezo contra indivíduos ou povos de outras raças. É a manifestação de intolerância contra indivíduos ou grupos que seguem outras religiões ou costumes. Estes são alguns exemplos de preconceito).*

Alguns dias se passaram e Luca não viu mais a estranha menina de nome Lindalva passar pelo lixo de sua casa à cata de latinhas de alumínio e papelão.

- Será que ela ficou doente?  
Questionava-se Luca, com certo ar de saudades.

.

Ele gostava que Lindalva o visse brincar com seus brinquedos espalhados pelo chão no jardim da frente da casa.

Mas, Lindalva estava de volta. Uma tarde Luca arrumava seus brinquedos para mais uma tarde de passatempo. Entre eles, uma gira-gira com palhaços que caíam das cadeirinhas e ficavam no chão nas posições mais engraçadas.

E Luca ouviu uma risada que vinha da grade do jardim.

- Oi, é você Lindalva! Você estava desaparecida!

- Eu fiquei em casa nestes dias. Minha mãe estava doente e eu fiquei tomando conta da casa.

.

- Mas, você está sem o carrinho de mão hoje! Não está pegando mais latinhas de alumínio e papelão?
- Estou sim! Mas, hoje eu vim mostrar para você o meu jogo de boliche. Eu mesma fiz! Você quer brincar com ele?
- Claro que quero!

Luca pegou através da grade o jogo de boliche feito por Lindalva. O jogo de boliche era feito de 8 latinhas de refrigerantes pintadas pela Lindalva e uma bolinha de tênis em boas condições que ela achara no lixo.

- Puxa! Que legal! Eu nunca tinha visto um brinquedo assim! Disse Luca com sinceridade.

.

Luca arrumou as latinhas em posição, afastou-se e jogou a bola de tênis derrubando 5 das 8 latinhas.

E repetiu os lances até derrubas todas as latinhas.

- Que legal! Da próxima vez vou tentar derrubar todas as latinhas com um só arremesso de bola! Prometeu Luca.

- Lindalva, você gosta de morar na favela? Perguntou Luca.

- Sim! Gosto muito! Eu me divirto muito lá. Na favela tem bichinhos que andam soltos pelas ruas, como patos, galinhas, coelhos, gatos, cachorros. De vez em quando, aparecem alguns ratos. Aí, os gatos correm atrás dos ratos, os cachorros correm atrás dos gatos, os patos e as galinhas saem correndo gritando para fugir da confusão, os coelhos se escondem nos

buracos do chão. É muito divertido mesmo. Tem um córrego que corta a favela. Nos dias de calor, eu refresco meus pés na água. Minha mãe acha ruim, dizendo que a água é suja! À noite, eu durmo contando as estrelas e vendo a lua através dos buracos que tem nas telhas de zinco do meu barraco.

Luca ouviu Lindalva com atenção, procurando imaginar a cena dos gatos correndo atrás dos ratos, os cachorros correndo atrás dos gatos e os patos e as galinhas fugindo apavoradas.

E, tentando retribuir, perguntou:

- Lindalva, você quer brincar com algum de meus brinquedos!
- Eu posso?
- Claro que pode. Respondeu Luca.

- Bem, eu gostaria de brincar com aquele ali!
- Qual que você está falando?  
Perguntou Luca.
- Aquele ali, perto do Homem Aranha!
- Ah! Este aviãozinho? Quis saber Luca.
- Isto é um avião?
- Claro que é um avião! Você nunca viu um avião? Respondeu Luca achando graça na pergunta de Lindalva.
- Eu só vi no céu. Mas, nunca tinha visto assim de pertinho.

Lindalva pegou o avião de plástico e o girava admirando todos os detalhes.

.

- Luca, o que são estes buraquinhos todos iguais no avião?
- Estas são as janelinhas. Lá dentro, em cada janelinha, tem os bancos onde sentam os passageiros! Explicou Luca.
- É uma janelinha para cada passageiro?
- Lindalva, tem aviões de todos os tamanhos. Quando eu fui para a Disney, o nosso avião tinha três poltronas perto da janela. Meu pai sentou-se na poltrona do corredor. Minha mãe na poltrona do meio. E eu na poltrona da janela! Esclareceu Luca.
- Disney? Perguntou Lindalva.
- Sim! Você nunca ouviu falar na Disney? Respondeu Luca.
- .



- Não! Nunca! Disse Lindalva.
  
- A Disney é um lugar nos Estados Unidos onde podemos visitar vários parques de diversão! Lá a gente pode se divertir com milhões de atrações e brinquedos! Disse Luca.
  
- Milhões? Quanto é 'milhões'? Perguntou Lindalva.
  
- Ora, Lindalva. Milhões são muitos, muitos brinquedos onde a gente pode ficar dias se divertindo e, mesmo assim, não conhece todos! Respondeu Luca.
  
- Ah! Já sei! Uma vez, perto da igreja onde moro, tinha um parquinho de diversões. E lá tinha 'milhões' de brinquedos, também. Eu fui no Trem Fantasma. Quase morri de medo! Disse Lindalva.

.

- Lindalva, você é mesmo muito engraçada. Eu gostaria de ver sua cara de apavorada quando saiu do Trem Fantasma! Disse Luca.

- E como o avião faz para voar? Ele bate asas como os passarinhos? Perguntou Lindalva.

- Não, Lindalva. Você é muito curiosa! Aviões não batem asas! Explicou Luca.

- Mas, então, como eles conseguem voar?

- Bem, eu não sei muito bem. Mas, pelo que meu pai me explicou um dia no aeroporto, as hélices puxam o ar para trás e as asas cortam o vento e conseguem ficar no ar! Disse Luca.

- Mas, como o avião sobe e desce?

.

- Lindalva, você está vendo estes pequenos lemes nas asas? Quando os lemes são movidos para baixo ou para cima, o avião desce ou sobe, vira para a direita ou para a esquerda. Respondeu Luca.

- Entendi mais ou menos. Mas, como o avião para quando ele desce no chão?

- Bem, aí eu já não sei! Você está querendo saber demais! Respondeu Luca, já um pouco impaciente com tantas perguntas.

- Nossa, mas como o avião é lindo. E quem é o motorista do avião?

- Não é motorista de avião, Lindalva. Quem dirige um avião, ou melhor, quem pilota um avião, é chamado de piloto. Em seguida, Lindalva pegou o aviãozinho e saiu correndo segurando o avião na mão

direita e levantando o braço esquerdo, como se ela mesmo fosse um avião.

E ela fazia acrobacias com o pequeno avião de plástico, ora subindo ou descendo, ora virando para esquerda ou para a direita. E procurava imitar o som do avião que ouvia lá do céu, quando um avião cruzava a favela: `uuuóóóóó uuuóóóóó.

E Lindalva ria, sozinha, feliz e alegre, em seu mundo de sonho, imaginando-se como o piloto da pequena aeronave.

Após alguns minutos, Lindalva voltou e devolveu o avião para Luca.

Luca nunca tinha visto uma criança brincar com o avião como Lindalva brincou.

- Isto sim é que é brincar de verdade!  
Pensou.

.

E antes de Lindalva ir embora, Luca perguntou:

- Você quer trocar o seu jogo de boliche pelo meu avião?

- Você trocaria? Respondeu Lindalva surpresa.

- Sim! Trocaria!

- Mas, sua mãe não vai ficar brava? Continuou perguntando Lindalva, ainda não acreditando na troca.

- Eu acho que não! Eu tenho muitos aviões de brinquedo, mas não tenho nenhum jogo de boliche de latinhas!

E Lindalva pegou o avião e foi embora. Luca a via correndo pelas ruas, em direção à favela, imitando ser o piloto do avião e sua risada se ouvia de longe.

- Ah! Esta Lindalva é mesmo muito engraçada! Pensou Luca, juntando os outros brinquedos na caixa e entrando feliz em sua casa.

A tarde terminava com um lindo por do Sol, que foi observado por poucas pessoas.

Alguns dias se passaram. Era véspera de Natal. Luca não via a Lindalva desde o dia em que trocaram o jogo de boliche pelo avião.

À noite, enquanto a família de Luca fazia a ceia de Natal, Luca notou que alguém remexia o lixo de sua casa.

Era Lindalva recolhendo as latinhas de alumínio e papelão. O seu carrinho de mão já estava tão cheio que ele mal conseguia carregar.

.

Imediatamente, ele parou de jantar e foi ao encontro de Lindalva:

- Lindalva! Você por aqui! Mas, você não vai comemorar o Natal?

- Vou sim! Esta é a minha última viagem! Eu já fiz quatro viagens hoje, levando o meu carrinho de mão cheio de latinhas de alumínio e papelão! A véspera de Natal é o melhor dia para se recolher o lixo nas casas. Tem muitas caixas de papelão dos brinquedos que as crianças ganham e centenas de latinhas! Explicou Lindalva toda entusiasmada.

- Mas, e a ceia de Natal? Insistiu Luca.

- Eu já estou indo para casa. Hoje é um dia especial. Minha mãe preparou frango com polenta e vai ter até refrigerante! Ela fez, também, doce de banana. Respondeu Lindalva, mostrando que já tinha terminado

o seu trabalho e que estava com fome para jantar com sua mãe.

- E o que você vai ganhar do Papai Noel? Quis saber Luca.

- Ah! Eu não vou ganhar nada. Onde eu moro as ruas não têm nome, as casas não têm números. Eu acho que Papai Noel não encontra o meu barraco. Todos os dias de Natal são assim! Disse Lindalva.

Dizendo isto, Lindalva olhou carinhosamente para Luca, pegou o seu carrinho de mão e foi embora, escondido atrás da pilha de papelão e latinhas, seguindo, apressadamente, em direção à favela.

Luca ficou na calçada por alguns instantes, até ver Lindalva desaparecer na curva de uma esquina.

.



Luca voltou lentamente para o seu lugar na mesa de jantar e aparentava estar triste. Dona Kátia logo notou esta tristeza em seu filho.

- Luca, tudo bem querido? O que você foi fazer lá fora? Perguntou dona Kátia.

- Era a Lindalva, mãe. Ela estava recolhendo os papelões das caixas de meus brinquedos e as latinhas de alumínio. Mas, ele estava com pressa. Sua mãe o esperava para a ceia de Natal. Ele estava contente que iria jantar frango com polenta e tomar refrigerante. Respondeu Luca.

Em seguida, Luca perguntou:

- Mãe, o Papai Noel não entrega brinquedos nas ruas que não têm nome e nas casas que não têm número?

.

Dona Kátia, estranhando a pergunta de Luca quis saber?

- Mas, por que você está me perguntando isto, Luca?

- A Lindalva, mãe, nunca ganhou presentes do Papai Noel. Ele acha que o Papai Noel não encontra sua casa na favela. Respondeu Luca, não conseguindo esconder sua tristeza por Lindalva.

Dona Kátia e o senhor William se olharam e procuravam uma resposta à pergunta de Luca.

- Bem, Luca. Os homens precisam descobrir como mostrar para o Papai Noel onde moram estas crianças. Assim, um dia, o Papai Noel encontrará todas as casas onde moram crianças, ricas ou pobres, nas ruas com nome ou sem nome, nas casas com número ou sem número.

E Luca continuou com suas perguntas:

- Mãe, por que a senhora nunca fez frango com polenta no Natal? Aliás, eu não me lembro de ter comido frango com polenta um dia!

Dona Kátia pensou por alguns longos segundos e respondeu:

- Luca, cada família tem seus hábitos particulares quanto às comidas. Uma gosta de uma coisa, outras de outra coisa. No Natal, nós gostamos de comer peru assado, bacalhau, carne assada, entre outras coisas. E gostamos de fazer várias sobremesas, como pudim, manjar, pavê, além das frutas.

- Mãe, um dia a senhora faz frango com polenta para mim? Eu fiquei com vontade! Disse Luca.

.

- Claro, a mamãe faz sim! Respondeu dona Kátia.

Lindalva, com seu jeito simples, sua alegria espontânea, a sinceridade de suas emoções, encantou Luca. Lindalva parecia ser uma amiga de verdade.

Os dias se seguiram e Luca não viu mais Lindalva. Ela e sua mãe voltaram à sua rotina, ora no lixão, ora procurando pelo material reciclável nos lixos das casas.

*(Materiais recicláveis. Você sabe o que são estes materiais e para que servem? Não? Então, senta que lá vem aula! Materiais recicláveis são todas as embalagens de produtos utilizadas pelos homens que podem ser recolhidas e enviadas às fábricas para serem novamente aproveitadas. Existem vários materiais recicláveis. Os principais são: plásticos, vidros, papel, papelão e latinhas de alumínio. A reciclagem de material é importante para preservar o meio ambiente onde vivemos, uma vez que possibilita menor exploração dos recursos naturais. Ou seja, quanto mais o homem reciclar, menos ele tem que retirar da natureza. Além disto, a reciclagem ajuda na sobrevivência de milhares de pessoas, como o Lindalva e sua mãe).*

Após várias semanas, Lindalva passou novamente pela casa de Luca e ele estava no jardim...

- Lindalva! Lindalva! Venha aqui! Onde você estava? Perguntou Luca ansioso.

- Luca, fazendo o que sempre faço – ajudando minha mãe e catando material reciclável! Respondeu Lindalva.

E foi nesta oportunidade que Lindalva disse a Luca:

- Luca, você sabia que eu tenho um tesouro em casa?

- Tesouro? Uau! Que tesouro? Perguntou Luca curioso.

- Eu tenho muitos livros que recolhi no lixo! Estão todos em uma prateleira lá em casa. Você não gostaria de ver minha

coleção de livros um dia? Perguntou Lindalva.

- Gostaria, sim! Vou falar com minha mãe! Respondeu Luca.

Dona Kátia hesitou muito em visitar a nova amiga de Luca na favela. Ela nunca tinha ido a uma favela. Mas, vendo como Luca estava mudado e feliz após conhecer Lindalva, dona Kátia concordou. Ele, também, gostaria de conhecer esta amiga misteriosa que estava mudando para melhor o comportamento de seu filho.

E, um dia, aconteceu a tão esperada visita de Luca e sua mãe Kátia à favela onde morava Lindalva com sua mãe.

Luca e dona Kátia entraram no carro e tomaram o rumo da pequena favela próxima ao bairro onde moravam.

.

Ao chegarem à favela, dona Kátia procurou saber onde morava Lindalva. Muitas crianças curiosas já se reuniam em volta do carro.

E todas sabiam onde morava Lindalva:

- A Lindalva mora no último barraco, próximo ao córrego, onde tem uma touceira de bananeiras!

Luca olhava curioso o ambiente da favela. Ele nunca tinha estado lá antes. Ele achava interessante que as casas eram feitas de madeira, as pequenas ruas eram de terra e as casas não tinham grades e nem jardins.

Por todos os cantos ele via galinhas, patos, coelhos, gatos e cachorros. E Luca se lembrou dos gatos correndo atrás dos ratos, os cachorros correndo atrás dos gatos e as galinhas, patos e coelhos fugindo apavorados da confusão!

Quando dona Kátia chegou à casa de Lindalva, ela já preparava seu carrinho de mão para começar seu trabalho de catar papelão e latinhas de alumínio por ser época de festas de final de ano.

Lindalva ficou surpresa com a presença de Luca e sua mãe.

- Luca, você por aqui? O que aconteceu?

E dona Kátia e Luca ficaram olhando a alegria e entusiasmo de várias crianças que moravam na favela cercarem o carro curiosas.

- Lindalva, viemos ver a sua coleção de livros e mamãe queria te conhecer também! Respondeu Luca.

Luca e dona Kátia ficaram encantados com a coleção de livros de Lindalva.



- E estão faltando alguns livros que eu emprestei para outras crianças da favela lerem! Esclareceu Lindalva.

E Lindalva não perdeu a oportunidade para mostrar ao Luca e dona Kátia o livro mágico que tinha:

- Eu vou mostrar para vocês um livro que eu guardo comigo. É um livro que conta a história de um homem bom e com muitos poderes! Este livro eu guardo comigo dentro de casa!

Dona Kátia, folheando o livro, logo exclamou:

- Lindalva, este livro conta a história de Jesus! É como se fosse uma bíblia ilustrada. É um livro muito bonito, mas estão faltando várias folhas!

.

Lindalva olhou demoradamente para dona Kátia e Luca trazendo o livro para junto de seu coração, seus olhos lacrimejaram e ela beijou o livro. Então era Jesus o homem bom! Concluiu admirada e pensativa, perguntando:

- Dona Kátia! Por que os soldados prenderam e colocaram Jesus na cruz, se ele era um homem bom?

- Lindalva, o povo começou a espalhar a notícia de que nasceria um menino que seria o rei dos reis. Mas, os soldados, a mando de seu Imperador, procuravam saber quem seria o menino que nasceria para ser o rei dos reis. Como os soldados não encontraram este menino, o Imperador mandou matar todas as crianças nascidas na época. Isto levou Maria e José à fuga pelo deserto, quando, então, ela deu a luz ao menino Jesus em uma manjedoura.

.

E dona Kátia finalizou:

- Foi quando Jesus foi traído por Judas, aquele que aparece na Santa Ceia segurando um saquinho com moedas de ouro, pagamento por sua traição. Assim, eles conseguiram prender Jesus e o crucificaram. Mas, Jesus ressuscitou para a vida eterna.

- Mas, se Judas não gostava de Jesus, por que ele lhe deu um beijo no jardim?

- Este beijo, Lindalva, era o sinal para os soldados que aquele era Jesus, o rei dos reis. Em seguida, os soldados o prenderam e aconteceu tudo que você já sabe.

Lindalva tinha, assim, fechado o seu entendimento do livro, sujo e rasgado que encontrara no cesto de lixo e que modificara para sempre sua vida.

E dona Kátia perguntou:

- Lindalva, por que você não vai à escola para aprender a ler já que você gosta tanto de livros?

- Eu não posso. Tenho que trabalhar para ajudar minha mãe. Se eu não trabalhar não vamos ter o que comer. Eu não posso.

- Olha, vamos fazer uma coisa. Até você poder ir à escola, eu vou te ensinar a ler escrever um pouco todas as noites. Você concorda?

Claro, dona Kátia! A senhora faria isto por mim? Claro que concordo.

Dona Kátia era diretora de uma escola particular no bairro. E ela se interessou muito pelos estudos de Lindalva.

.

E dona Kátia procurou se esforçar muito para bem cumprir esta nova missão.

Ela comprou cadernos, lápis de cor, livros escolares, uma lousa, giz e tudo que precisava para montar uma pequena sala de aula no escritório de sua casa.

Toda a noite, dona Kátia ensinava o mundo mágico das vogais e consoantes, como as letras se combinavam para formar palavras e como as palavras formavam frases.

Mostrava, também, a matemática dos números, as contas de somar, multiplicar, dividir e subtrair. Lindalva prestava uma atenção incomum.

Francisca estava muito contente ao ver Lindalva iniciar seus estudos. Era algo que ela queria muito, há muito tempo.

..

Em uma noite, dona Kátia conversava com o seu marido William sobre Lindalva:

- ... então, muitas meninas ajudam seus pais mas, veem à escola! Hoje todas as mães e todos os pais são obrigados a matricular seus filhos nas escolas!

- ... querida, por que você não conversa com a mãe desta menina e veja a real situação delas? Disse o senhor William. E assim dona Kátia fez. Um dia, ela procurou por Francisca para conversar sobre Lindalva:

- Dona Francisca, estou impressionada com a inteligência e o interesse de Lindalva pelos livros. Nota-se que ele tem uma grande vontade e motivação de saber o que os livros contam em suas páginas. Precisamos matricular a menina na escola. Aos 12 anos ela já deveria estar no 7.º ano do ensino fundamental.

- Eu agradeço o interesse da senhora. Mas, pobre como somos, nós precisamos trabalhar senão não comemos!

- Mas, a menina Lindalva pode estudar de manhã e continuar trabalhando à tarde!

Dona Kátia, com muita paciência e perseverança, conseguiu convencer Francisca. E Lindalva pode, finalmente, frequentar a escola!

À noite, enquanto limpava e admirava os seus livros, Lindalva comentou com sua mãe:

- Viu, mãe, depois que eu achei o livro mágico de Jesus quantas coisas boas estão acontecendo em nossa vida? Dona Kátia disse que Jesus subiu aos céus para olhar lá de cima todos os homens que vivem aqui embaixo e, assim, poder protegê-los. Lá de

cima ele está conseguindo enxergar até o nosso barraco, mãe!

- Filha, isto é verdade. Quando eu era menina eu costumava visitar a casa de Jesus lá no Nordeste. Mas, isto foi por pouco tempo. Depois meus pais se mudaram para um lugar longe na caatinga onde não tinha igreja. Assim, Jesus foi ficando como um sonho em minha mente, apesar de senti-lo em meu coração. Mas, eu não sabia a sua história. Na vinda para São Paulo minha vida foi só luta para poder sobreviver e te criar. Não encontrei tempo para Jesus. Que pena!

Lindalva ficou sabendo pela dona Kátia que havia criado a primeira biblioteca da favela. Aprendeu que uma coleção de livros se chama biblioteca. Que nome complicado. Lindalva sentiu-se muito importante.

.



Lindalva começou suas aulas no 1.º ano e, naturalmente, era a menina mais velha da classe e a mais alta. Mas, isto não atrapalhou nada. Todos gostavam dela e ela assumiu uma liderança positiva junto aos demais alunos da classe.

Ela passou a dedicar-se aos estudos com raro interesse. Era algo que ela queria muito e há muito tempo.

E as notas e facilidade de assimilação do aprendizado eram tão boas que a Diretora Pedagógica da escola autorizou que Lindalva fosse mudando para classes de ano de ensino acima. Assim, quando ela completou 14 anos ela já estava na 8.ª série do ensino fundamental.

Mas, Lindalva ainda encontrava tempo para catar papel, papelão, plástico e latinhas de alumínio em suas horas de folga, com uma condição - não prejudicar os seus estudos.

Lindalva leu todos os livros que mantinha em sua biblioteca, encantando-se com o mundo do conhecimento que eles encerravam em suas páginas. Desta forma, Lindalva desenvolveu uma cultura e conhecimentos sobre vários assuntos.

Lindalva aprendeu a ler muito bem. E, como quem lê bem, Lindalva aprendeu também a escrever e falar bem.

Prosseguiu em seus estudos com incomum dedicação. Ela sentia que este era o caminho de um futuro melhor!

Francisca arrumou emprego fixo de empregada doméstica em uma excelente casa de família.

Com o tempo e suas economias, Francisca comprou um terreno e se preparava para construir uma edícula no fundo. Era a tão sonhada casa que ganhava forma...

.

Enquanto construía sua casa, Francisca continuava coletando lixo das casas, nos dias de folga de seu emprego como empregada doméstica e até, às vezes, ia ao lixão...

Francisca entrou em um programa de alfabetização de adultos e passou a se beneficiar das informações e beleza das palavras escritas nos jornais, revistas, livros, enfim.

O tempo passou, passaram-se muitos anos, muitos anos...

Francisca retornou ao Nordeste para sua cidade natal para ficar ao lado de seus idosos pais e seus irmãos... suas raízes falaram mais alto do que qualquer outra conquista na cidade grande.

...

Na favela, uma linda professora dava aulas como voluntária para crianças e adultos analfabetos, em uma sala de aula improvisada...

Ainda na favela, um jovem médico fazia consultas como voluntário, oferecendo seus serviços profissionais gratuitamente para idosos e crianças...

Após sua aula, a linda professora encontrou-se com o jovem médico, que também terminara suas consultas...

O rosto dele lhe era familiar, mas não conseguia se lembrar de onde o tinha visto. A voz, igualmente, lhe era familiar.

- Não, não pode ser! Não pode ser!

Ao ver a linda professora, o jovem médico gritou:

.

- Lindalva, Lindalva. Sou eu, Luca!

Lindalva parou de caminhar... ficou paralisada olhando fixo para o jovem médico. Com passos lentos e automáticos foi em direção dele que gritava seu nome.

- Luca, Luca, mas que surpresa meu amigo! Você por aqui? Como está grande e forte! Disse Lindalva com grande alegria e lágrimas nos olhos.

- Gordo, você quer dizer! Você também, minha amiga. Está grande e linda, pelo que vejo, se tornou a professora que sempre sonhou! Respondeu Luca.

- Linda? Ou não estou mais com sujeira no rosto e vestido sujo e rasgado? É verdade. Eu me formei professora. Agora, procuro retribuir tudo o que a vida me deu dando aulas como voluntária na favela para crianças e adultos analfabetos, além de

meu emprego na escola. E você, então, seguiu a carreira de médico! Respondeu Lindalva.

- Sim, também era um sonho meu. E confesso, por sua amizade do passado, eu descobri como era importante dedicar parte do meu tempo para ajudar as pessoas mais necessitadas. Assim, aqui estou eu dando consultas para crianças e adultos. Esclareceu Luca.

- Puxa, mas que bom! Você sempre estudou demais. Quanto tempo se passou, não? Disse Lindalva olhando o seu antigo amigo com todo carinho.

- Sim, mas quer saber de uma coisa? Até hoje eu me lembro de nossas brincadeiras lá no jardim da frente de minha casa. Você era muito divertida e ma fazia muito bem! Respondeu Luca sem esconder sua emoção.

- Nossa, eu também. Muitas vezes eu pensei em você e imaginava o que estaria fazendo. Disse Lindalva.

- Mas, o que aconteceu? Você sumiu! Perguntou Luca.

- Eu fui estudar, morei com minha mãe por um tempo, depois entrei na faculdade, ela mudou-se para o Nordeste para reencontrar seus pais e seus irmãos... E aqui estou eu! Respondeu Lindalva.

Naquela tarde, os dois amigos se encontraram para comemorar o reencontro. Eles se abraçavam, riam de tudo.

De vez em quando, eles fingiam brincar de jogo de boliche e de avião, como faziam no tempo de crianças. Aproveitaram para falar de suas vidas, de seus planos para o futuro, relembrar as travessuras de crianças.

Os dois se comprometeram a se ver de vez em quando para matar a saudades e manter a amizade.

Afinal, os dois sempre foram amigos de verdade! Amigos de verdade são assim mesmo. Eles não ligam para nível social!

Luca e Lindalva ficaram amigos para sempre.

E nada mais os separou... e esta amizade acabou em... casamento!

Lindalva venceu. Venceu barreiras sociais, venceu a influência negativa do ambiente onde viveu, venceu a tentação do ganho fácil e do mau comportamento. Os estudos e a preservação de seus valores morais abriram-lhe as portas de um futuro melhor. Viveu pobre, mas viveu com dignidade e respeito a si próprio.

.



E, assim, foram felizes para sempre!

O tempo passou.

Em uma noite de Natal, Lindalva olhou pela janela de sua casa e viu uma menina que remexia o lixo, enquanto os seus dois filhos de divertiam com os presentes que ganharam do Papai Noel. Na verdade, era Luca com uma fantasia de Papai Noel e uma barba branca que descolava e caía de seu rosto. Somente a inocência das crianças para não perceber isto...

Aquela cena lhe trouxe à mente toda a sua vida.

Lindalva se apressou em abrir a porta e procurar pela pobre menina. Ela fez a menina entrar e lhe deu comida e um brinquedo de presente.

Na saída, Lindalva disse à menina:

- Leve este livro para você. Este foi o meu melhor presente que ganhei de Natal há muitos anos atrás!
  
- Mas, moça. Eu não sei ler!
  
- Leve o livro. Ele é um livro sagrado mágico. Ele será muito importante em sua vida!

Ao longe, Lindalva via o livro iluminar-se no carrinho da pobre menina que desaparecia na escura rua naquela estrelada noite de Natal.

**FIM**